

O Trabalho do Orientador Educativo na Educação Sexual **4**

Maria Paquelet Moreira Barbosa¹

RESUMO

Este trabalho pretende estabelecer um elo entre os processos da Orientação Educacional e da Educação Sexual.

Os dois capítulos que o compõem revelam, um trabalho de pesquisa e a experiência que temos na área.

No Primeiro Capítulo faz-se uma análise dos pontos importantes do processo da Orientação Educacional, como a definição de sua filosofia dentro de um quadro teórico, o entendimento de seus objetivos e formas de atuação.

No Segundo Capítulo sobre Educação Sexual, define-se o seu significado e objetivos. Traça-se um breve histórico do processo da Educação Sexual no mundo, no Brasil e na Bahia e analisa-se as instituições responsáveis pelo mesmo, buscando-se estabelecer relações entre elas.

Primeiro Capítulo

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Orientar as novas gerações, levando-as a desenvolver suas potencialidades para que venham a tornar-se “pessoas”, capazes de adaptação cons-

1. Orientadora Educacional do Colégio 2 de Julho. Especialista em Metodologia do Ensino Superior.

tante às exigências sempre novas do viver humano, é tarefa cada vez mais difícil, na época que atravessamos.

Toda agência de educação em nossos dias e, em especial a escola, tem tentado revisões e modificações, de forma a organizar seus meios de ação, adequando-os para obter um melhor processo ensino-aprendizagem.

A todo momento a realidade brasileira vai se transformando e com isso a estrutura administrativa, pedagógica e as funções da escola. Em consequência, maior complexidade vai envolvendo o conjunto de operações e de elementos que nela interagem,

Como nos mostra Penteado (1976), “a necessidade da Orientação Educacional decorre das exigências sociais que tomaram cada vez mais complexo o processo educativo.”

A Orientação Educacional, caracterizada como mecanismo auxiliar da tarefa educativa, é comprometida à escola como um todo, e entendida sob a forma de uma integração das influências mais próximas que convergem para a educação dos alunos ou ganhos construtivos, baseando-se nas teorias de Carkhuff apud Loffredi (1979), e na tentativa de aflorar as potencialidades, a aceitação das próprias limitações dos educandos, procura canalizar toda ação educativa, para uma compreensão e ação, pois o crescimento é resultado da ajuda, sem o que dificilmente se atingiria um nível satisfatório de racionalidade e liberdade no plano da conduta

Fundamentação teórica

A Orientação Educacional é compreendida como uma ação que coloca os indivíduos a par do seu próprio desenvolvimento. Esse desenvolvimento é diretamente relacionado à compreensão de si, suas atitudes, seus interesses, suas aptidões, seu amadurecimento físico, sexual, mental, social, seus desejos ou expectativas pessoais e sociais, em direção a maior coerência e melhor integração, à aquisição de auto-direção na escolha de experiências que favoreçam a atualização de suas possibilidades de desenvolvimento.

A Orientação é um processo sistemático, contínuo e complexo. É uma assistência profissional, realizada através de métodos e técnicas pedagógicas e/ou psicológicas, que levam os educandos ao conhecimento de suas características pessoais e das características do seu ambiente sócio-cultural, afim de que possam tomar decisões apropriadas abrindo perspectivas maiores para seu desenvolvimento bio-psico-social.

O Serviço de Orientação Educacional - SOE, norteia-se no processo de ajuda, conduzindo seus “ajudados” na direção das mudanças.

Filosofia na orientação educacional

A Orientação Educacional é aplicada desde há muito tempo, porém suas técnicas e processos dinâmicos são recentes.

Como nos mostram Abelin e Siqueira (1987), “A vida atual exige apurados estudos para conduzir a infância, a adolescência e a mocidade à plenitude de suas potencialidades em desenvolvimento.

Q mundo moderno requer uma atualização e uma adequação no campo educacional. É analisando a realidade que se sente a necessidade constante e exata das técnicas educativas, que vão melhor assistir o educando e não propiciar o esmerado equilíbrio, transformando, pela educação, o mundo, num mundo melhor”.

É necessário pensar, refletir sobre a vida dos jovens na escola, onde eles passam horas apenas, pura formação, esquecidos totalmente dos seus próprios problemas e sua constituição; desconhecido seu temperamento, caráter, vida potencial, além da vontade, que muitas vezes envolve família a sociedade.

Para isso é improrrogável a insubstituível a ação do Orientador Educacional. “A Orientação Educacional ocupa-se do homem em todos os seus níveis, numa determinada época da vida e num determinado meio. Nesta análise, onde se deseja penetrar no âmago da questão, especificamente, será alvo de estudo a criança e o adolescente”.

“Pela Filosofia da Orientação Educacional não se admite que o homem seja educado em parte. Em sua formação devem trabalhar as mãos, o corpo, o cérebro e o coração”, Garçia R. L. (s.d.).

Objetivos

Como nos mostra Magalhães (1986), é imprescindível que a Orientação Educacional torne-se parte integrada da escola e para isso deve atingir os seguintes objetivos:

- Desenvolver um plano de trabalho centrado no currículo, para que haja viabilidade e eficiência em seu funcionamento. Para isso é necessário a integração do trabalho do Orientador Educacional, alunos, professores, direção, equipe técnica, pais e elementos da comunidade, isto é, torna-se necessária uma Equipe Multidisciplinar.
- Desenvolver no educando a habilidade de tomar e executar decisões racionais e responsáveis
- Assistir o educando no desenvolvimento integral de sua personalidade e em seu ajustamento, físico, pessoal e social.

- Desenvolver a habilidade de ajustamento para que o educando conheça seu corpo como meio de comunicação com o mundo das coisas e dos homens.

Atuação do orientador educacional

Como toda ação educacional a Orientação Educacional, deve ser DEMOCRÁTICA:

A Orientação Educacional na escola deve estender-se a TODOS os alunos e não limitar-se apenas a casos-problemas; isto significa que a Orientação Educacional deve ser PROFILÁTICA, antes de ser corretiva.

“É muito importante que o Orientador Educacional tenha respeito à pessoa humana, no direito fundamental que pode ser compreendido como significando que ela não interfira com os direitos alheios e decida com o máximo de consciência a responsabilidade de que for capaz.

A Orientação Educacional deve ser TÉCNICA.

A Orientação Educacional deve ser desenvolvida por elementos tecnicamente qualificados e habilitados, já que é muita a responsabilidade de influir no ajustamento de seres humanos” (Baquero, 1979).

O Orientador Educacional atua em dois planos:

1º) AÇÃO INTEGRADA:

Toda a ação educativa é planejada, executada e avaliada em conjunto com orientadores, supervisores, diretores, professores, alunos-comunidades, pais e demais técnicos que compõem a equipe de educadores. É nesse tipo de atuação que são planejados os projetos que normalmente envolvem toda a escola, como por exemplo: “Semana da Cultura”, “Feira de Ciências”, “Aprendendo a Aprender”, “Programa de Educação Sexual”, “As Drogas e Seus Efeitos”, “Semana de Arte Moderna”, “Concurso Literário” e outros.

2º) AÇÃO DIRETA:

Esta modalidade satisfaz as necessidades de individualização da ação educativa, ajudando o aluno no desenvolvimento de atitudes, de auto-confiança e de independência, de maturação física, e nas áreas social, intelectual e vocacional.

Nessa área é muito comum o encaminhamento de alunos com dificuldades especiais que ultrapassem a área de atuação do Orientador Educacional, como por exemplo ser acompanhado por um Psicólogo, um Fonoaudiólogo, um Logopedista ou outra área que não tenha especialista na escola.

*Segundo Capítulo***A EDUCAÇÃO SEXUAL**

Até bem pouco tempo, ou melhor ainda hoje em algumas famílias é normal encontrar pessoas conversando pelos cantos para contar o que sentem ou descobrem sobre a sua sexualidade. Quando reunidas em grupos os comentários são acompanhados de gestos e de risadinhas maliciosas, talvez pelo fato de vivermos numa sociedade repressiva, em que os sentimentos sexuais são explorados através de pornografias que desrespeitam o ser humano. Isto contribui para que a abordagem do assunto sexo nos deixe pouco a vontade.

Além do mais, os aspectos fundamentais da vida sexual humana, em que pese o estado atual das pesquisas na área da sexualidade, ainda são pouco desvendados.

Mostrar que é preciso pensar na sexualidade como um sentimento bonito, uma necessidade inerente ao homem, que a educação sexual é fundamental para que se vivencie mais satisfatoriamente esta dimensão humana e que é preciso ter preparo para se atuar no processo de educação sexual é o que se pretende neste capítulo.

O que é educação sexual

Todos os educadores são unânimes em considerar que toda educação deve ter como objetivo a formação do indivíduo. Neste enfoque, a educação sexual deverá ser responsável pela transmissão de conhecimentos necessários para que o indivíduo possa adquirir atitudes, expressar seus sentimentos e formar os valores que o permitam aceitar e vivenciar a sua própria sexualidade e dos outros, num contexto livre e responsável. Quer gostemos quer não, escolas, filmes, historinhas em quadrinhos e, principalmente, os “papos” pelas esquinas e banheiros se encarregam de fornecer as crianças e adolescentes uma série de informações que muitas vezes, por serem inadequadas, podem condicionar atitudes prejudiciais à sua formação.

Considera-se a Educação Sexual um processo sistemático, e que só valerá a pena se houver disposição em vivê-lo. Para tanto concorda-se com Goldberg (1988, p. 12) ao conceber este processo como:

- “- um compromisso pessoal que exige coerência entre o que pensar e o agir;
- uma forma de luta capaz de inquietar mais do que de acalmar;

- uma aventura humana, comportando boa dose de risco e incerteza...”

Educar sexualmente o indivíduo é passar as informações associadas à permissão da expressão da sexualidade, que por sua vez, está associada aos sentimentos. Assim sendo, são componentes básicos da educação sexual, além da liberdade e da responsabilidade, a afetividade, o prazer e a comunicação.

Objetivos

As colocações anteriores referentes às concepções que se tem sobre educação sexual, é os trabalhos de Carvalho (1986), Matarazzo e Manzin (1988) e Ribeiro (1988), conduzem a definição dos objetivos deste processo nos seguintes termos:

- Preparar a criança para que ela tenha um desenvolvimento psicosexual normal, atingindo a maturidade com bom ajustamento sexual.
- Destacar a importância de um crescimento sexual normal por ser parte integrante na formação de uma personalidade sadia e equilibrada.
- Abordar a sexualidade dentro de um enfoque bio-psico-sócio-cultural, para ampliar sua visão e ajudá-lo a aprofundar e refletir sobre as questões emocionais.
- Dar informações imparciais sobre a sexualidade dentro de um contexto democrático, possibilitando assim o pensar e repensar sobre os valores de cada um.
- Conscientizar a sociedade no sentido de respeitar as aspirações humanísticas crescentes no homem.
- Ajudar as pessoas a obterem o desenvolvimento sexual da forma mais natural possível e adquirirem o equilíbrio entre o pessoal e o social, com prazer.

Histórico

A Educação Sexual tem sido gradativamente oficializada em diversas partes do mundo recebendo maior ou menor ênfase a depender do país ou momento histórico vivenciado.

No começo do século, chegaram ao Brasil influências das correntes médicas e higienistas bem sucedidas na Europa. Falavam sobre a necessidade de uma educação sexual que fosse eficaz no combate à masturbação e às doenças sexualmente transmissíveis, e que preparasse a mulher para o desempenho adequado de seu “nobre” papel de esposa e de mãe (Vasconcellos, 1915).

A leitura dos artigos de Serapião (1980), Barros e Brushini (1982) e Ribeiro (1988) nos permite constatar que nas décadas seguintes, o número de médicos e educadores que se declaravam favoráveis à educação sexual como forma de evitar a “perversão moral”, as “psicoses sexuais” e a “degeneração física”, bem como assegurar a saudável “reprodução da espécie” cresceu rapidamente.

No período anterior à década de 60, a igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos a impedir que a educação sexual penetrasse no sistema escolar brasileiro, tanto por sua posição nitidamente repressiva, em matéria de sexualidade, quanto por seu papel de destaque no sistema educacional brasileiro. Vem então a década de 60 refletindo uma época relativamente favorável à implantação da educação sexual no país.

Várias experiências importantes tiveram lugar nessa ocasião, principalmente em grandes centros urbanos e em estabelecimentos da rede particular.

Barroso e Brushini (1982) destacam a experiência conduzida pelo Serviço de Saúde do Departamento de Assistência Escolar de São Paulo, de 1954 a 1970, ministrando orientação sexual a meninas que cursavam o 4º ano primário e estavam entrando no período da puberdade.

No princípio dos anos 70, do ponto de vista político, foram marcados pela continuidade da repressão violenta, de certa forma marcada pelo clima de ufanismo que acompanhava esse período. Na área de educação sexual, o trabalho continuava parcial e pouco sistemático, apoiado no esforço de alguns educadores como Carmem Barroso e Cristina Bruschini em São Paulo (1983).

Werebe (1977), também em São Paulo, mencionou que, em 1976, havia 56 estudos sobre educação sexual desenvolvidos em 16 instituições de ensino formal e/ou não formal.

Dando seqüência a esse movimento, a década de 80 foi marcada por um espaço mais amplo na discussão da educação sexual. Sociedades foram criadas e os meios de comunicação se abriram para discutir a sexualidade num sentido mais amplo, Serapião et al. (1988), Cavalcanti (1989) e Fagundes (1989).

Instituições responsáveis pela educação sexual

- Família;
- Comunidade;
- Escola.

À medida que as crianças crescem, a curiosidade aumenta e dependendo da formação, conhecimento e até mesmo facilidade de expressão pode ser desconcertante para alguns adultos falarem de sexo com seus filhos, pois na realidade estão reproduzindo também a educação e a formação que tiveram, muitas vezes o diálogo sobre o assunto se torna extremamente difícil. Destaca-se como importante a afirmação de Ribeiro (1988) quando diz que: “a educação sexual, como o restante do processo educacional, sem sombra de dúvida é de competência da família, sobretudo dos pais. É exatamente em casa que as crianças devem adquirir os alicerces para uma formação sexual sadia, o que lhes propiciará vivência também sadia nas diversas etapas de vida. Contudo até os dias de hoje, isso não acontece com a grande maioria, por não terem adquirido formação adequada, os pais não podem transmití-la aos filhos e, como resultado, continuam passando preconceitos e mensagens indevidas referentes à sexualidade. Continua-se, assim, a deturpar-lhe a nobreza, a associá-la a noções e sentimentos maléficis de erro, pecado, medo, culpa, vergonha, sujeira, dano, imoralidade, doença, proibição, enfim, a toda sorte de distorções totalmente nocivas à pessoa”.

Estar preparado para dar respostas tranquilas, sem hesitações ou bloqueios fez enorme diferença. Crianças e jovens são rápidos para perceber vacilações e mais rápidos ainda para desconsiderar explicações atabalhoadas. Na maioria das vezes eles recorrem aos pais à procura da confirmação de versões que ouviram na rua.

Neste contexto, para Mielnik (1980) um dos problemas mais sérios são: “os erros cometidos pelos pais, especialmente pelas mães que ensinam noções falsas, inadequadas e fantasiosas, noticiadas pelos fatores mais diversos: receio de ferir a pureza da criança, por considerarem prematura a curiosidade infantil, por constrangimento com o tema sexual, por irritação com a criança e falta de preparo para enfrentar a situação criada”.

Crianças assim lastimavelmente preparadas em casa não estão aptas a defender-se contra as “seduções” que as esperam fora do lar, tanto no sentido ético e moral, como no sentido de esclarecimentos sexuais.

É comum na criança a curiosidade sexual, que se expressa nas brincadeiras de casinha, médico, enfermeira e paciente. Para Tockus (1988) essas atitudes são normais e necessárias ao bom desenvolvimento da sexualidade infantil. É necessário que o adulto tenha consciência deste fato, para não agir inadequadamente, assustando e ameaçando as crianças.

Existe também as crianças que fazem as perguntas verbalmente sem se esconder por traz da brincadeira, mas a atitude habitual dos pais é a de afugentar a criança com respostas como: “Ainda é cedo para saber! Não se aborreça com essas tolices! Pergunte à sua mãe! Criança bem educada não faz perguntas dessas! Vamos deixar isso para outra hora! Depois eu explico tudo”.

Abandonada pelos pais, a criança atinge a vida escolar e vai frequentar a escola, onde outras crianças mais “sabidas” a informarão de “tudo” causando-lhe, não poucas vezes, grande choque traumático, revolta e repugnância quanto aos processos sexuais e arruinando suas possibilidades de uma vida sexual sadia.

A perda da confiança dos filhos, a insegurança e instabilidade emocional são algumas das desastrosas conseqüências para os pais, decorrentes de sua atitude errada para com os filhos.

Uma extensão da atuação da família pode acontecer a nível de Comunidade.

A Comunidade tem um papel importante na educação sexual pois existem várias instituições como Associações de Bairros, Igrejas, Templos, Centros Espíritas, Grupos de Escoteiros e Bandeirantes e Clubes estão dando cursos e propiciando discussões em grupo sobre a vida familiar, sexualidade, ajustamento sexual. Tanto para jovens como para adultos.

Para o Bispo-Auxiliar de São Paulo - Dom Angélico Sândalo Bernadino um dos motivos principais da igreja investir cada vez mais em “Encontro de Casais”, “Grupo de Jovens” e outros é a preocupação que existe com a falta de educação sexual do povo e esse pensamento é bastante claro quando ele diz: “É preciso reformar o pensamento dos homens quanto ao valor do sexo, quanto ao problema da exacerbação do sexo, atacando o mal pela raiz” (Veja, 1988).

Aqui em Salvador, na Igreja da Nossa Senhora da Luz, há um Grupo de Jovens que organizou um Curso de Educação Sexual para meninos de rua. Os *palestrantes foram* bem diversificados, foram Professores, Pediatra, Assistente Social, Orientador Educacional, Ginecologista e Psicólogo. As crianças mostraram-se bem interessadas e pediram que aconteça novamente para que elas tragam os amigos e outras pessoas.

Os meios de comunicação de massa também têm um importante papel na preparação para a vida familiar. São comuns os artigos sobre sexualidade nos jornais e revistas ou mesmo debates em programas de televisão. O rádio também é de relevante importância pois já temos na Bahia um programa semanal à cargo da SBASH - Sociedade Baiana de Sexualidade Humana onde a cada semana um profissional diferente fala sobre um tema ligado à Sexualidade Humana (Rádio Sociedade da Bahia).

A Escola entretanto é a instituição que mais se destaca como responsável pela Educação Sexual.

Normal seria que a atuação da escola em relação a Educação Sexual pudesse ser a de complementar o que fosse adquirido em casa através dos pais, mas como isso não acontece, fica sendo função de cada escola transmitir aos alunos não só a educação, mas conhecimento de todos os setores da vida humana; a família, o estudo, a religião, os hábitos, a linguagem, o comportamento, o sexo e as relações sociais das crianças entre si.

Para Lejeune (1987), “o trabalho trará melhor aproveitamento se pais e mestres complementarem suas tarefas educativas. A escola instruindo os pais a respeito da função da educação escolar como um todo, é evidente que a educação sexual deva ser cuidada, pois a atividade sexual faz parte da vida humana como setor de elevada importância, não só pelas diversas fases do desenvolvimento sexual da personalidade infante juvenil, como pela necessidade de preparo do adolescente e jovem adulto para uma vida adequada e satisfatória”.

Certamente é necessário prever que a informação dada acerca da transmissão da vida conduzirá os alunos a formularem perguntas que vão além das noções anatômicas ou biológicas da procriação, a incidindo sobre questões sexuais, sociais, morais, ligadas aos diversos aspectos da sexualidade.

O professor deverá responder com franqueza e simplicidade mas também com tato e prudência. Não deverá deixar de lembrar aos alunos que é em primeiro lugar junto de seus pais que deverão procurar os conselhos mais personalizados a mais adaptados.

Considera-se que a escola e família dividem a responsabilidade desse desenvolvimento e deve oferecer ao educando um “sustento” que lhe garanta resistir e superar as pressões que lhe são impostas.

Para tanto concorda-se com Mielnik (1980) ao dizer: “que se à família cabe um relacionamento mais íntimo e profundo, à escola caberá um relacionamento planejado e sistemático, já que exercida por especialistas”.

A nível de instituição de ensino o ideal será a formação de uma equipe multidisciplinar, provavelmente com a coordenação do Orientador Educacional, para ser montado um Programa de Educação Sexual, onde cada professor ou cada técnico poderá atuar dentro de sua área no referido programa.

Um fato interessante aconteceu no Colégio Santo Agostinho - Rio de Janeiro onde o Diretor, o Frei Juan Manoel Perez Melton (Veja, 1988), foi contra a existência da cadeira específica da Educação Sexual, mostrando-se favorável à criação de uma equipe multidisciplinar para atuar nesta área, pois assim todos os assuntos poderiam ser abordados, já que os professores e técnicos devem estar capacitados para tanto.

CONCLUSÃO

Na Educação Sexual estão incluídas as medidas educacionais que podem ajudar a um jovem a compreender o processo do amadurecimento sexual e se preparar para enfrentar problemas relativos a esse processo, os quais fazem parte da experiência de vida de cada ser humano.

Pelo trabalho que o Orientador Educacional desenvolve com o educando, onde a confiança e a liberdade de expressão caminham sempre juntos, no desenvolvimento de um Programa de Educação Sexual essa convivência sem barreiras vai ser de fundamental importância.

“A Educação Sexual deve ser desenvolvida como parte integrante do programa educacional da escola e não ser considerada como um “ritual especial”, isolado, para ser realizado em um determinado tempo e depois dado por terminado”, Matarazzo e Manzin (1988).

E como o Orientador Educacional, é um técnico que age sistematicamente sobre o educando na formação de sua personalidade, hábitos e atitudes, deve estar à frente desse programa educacional.

É comum o professor passar ao educando informações biológicas sobre aparelho reprodutor ou reprodução humana, mas esquece que existe dentre desses assuntos um objetivo muito mais amplo, que é o de ajudar o jovem a incorporar de modo mais significativo a sexualidade à sua vida presente e futura. Concluímos assim que o Orientador Educacional trabalhando com Educação Sexual, deve aproveitar esse momento dando-lhe informações precisas; ajudando-o a reconhecer a existência de condutas sexuais diferentes, conhecer a imensa riqueza da sexualidade humana a seu valor, e mais do que controlar ou suprimir as suas manifestações, explicar porque elas existem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABELIN, Leida Tubino e SIQUEIRA, Anna Maria da Silva. Orientação Educacional - Novas dimensões para pais e professores. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1987.
2. BAQUERO, Godeardo. Métodos e Técnicas de Orientação Educacional. São Paulo, Edições Loyola, 1979.
3. BARROSO, C. e BRUSCHINI, C. Educação Sexual. Debate Aberto. Petrópolis, Vozes, 1982. Sexo e Juventude. Um programa educacional. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
4. CARVALHO, Maria do Lourdes R.S. A Função do Orientador Educacional. São Paulo, Editora Moraes, 1986.
5. CAVALCANTI, R. Acerca da Educação e da Sexualidade. SEXUS - Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana. Rio de Janeiro. Rev & Med - Editora de Arte e Ciência Ltda. 1(1):23-24, Jan./few., 1989.

6. FAGUNDES, T.C.P.C. Educação Sexual nas Escolas relato de uma experiência de intervenção através de orientação para o professor. *SEXUS - Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro. Rev & Med - Editora de Arte e Ciência Ltda. 1(3):16-20, mai./jun., 1989.
7. GARCIA, Regina Leite. "Especialistas em educação, os mais novos responsáveis pelo fracasso escolar", in GARCIA, R. L. (org.). *Pesquisa*. São Paulo, Edições Loyola, s.d.
8. GOLDBERG, Maria Amélia A. Educação Sexual. Uma proposta. Um desafio. São Paulo, Editora Cortez, 1988.
9. LAFFREDI, Lais Esteves. *Paradigma de Orientação Educacional*. Baseado no modelo de Relação-de-Ajuda de Carkhuff. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
10. LEJEUNE, Claude. *A Educação Sexual na Escola*. Lisboa, Editora Estampa, 1982.
11. MAGALEIAES, Lucila Rupp de. *Diagnóstico sobre a Prática da Orientação Educacional nas Escolas de 1º Grau do Sistema Estadual de Salvador*. Salvador, 1986.
13. MATARAZZO, Maria Helena e MANZIN, Rafael. *Educação Sexual nas Escolas*. São Paulo, Paulinas, 1988.
13. MIELNIK, Isaac. *Educação Sexual na escola e no lar*. São Paulo, IBRASA, 1980.
14. MOREIRA, Lília M. de Azevedo. Algumas Considerações sobre a Implantação da Educação Sexual nas Escolas e a sua Aplicação na Área de Ciências Biológicas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. 35, nº 2, 1986.
15. PENTEADO, Wilma. *Fundamentos da Orientação Educacional*. São Paulo, E.P.U., 1976.
16. REVISTA VEJA. *A Idade da Incerteza*. Ano 20, nº 17. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1988.
17. RIBEIRO, Marco. Educação Sexual. *FEMINA*, Rio de Janeiro, Eléa Ciência Editorial. 16(10):945-948.
18. SERAPIÃO, J.J.; SOUZA, J.S.; BARROS, D.I.M. Grupo de Reflexão sobre Sexualidade - Uma experiência institucional piloto. *FEMINA*, Rio de Janeiro, Eléa Ciência Editorial, 15(16), 1980.
19. TOCKUS, Rosalind B. *Sexualidade nos Dias de Hoje. O Sexo Sem Preenconceitos*. São Paulo, Editora Ágora, 1986.
20. VASCONCELLOS, FF.M. *Educação Sexual da Mulher*. Dissertação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, S.C., 1915.
21. WEREBE, M.J.G. *A Educação Sexual na Escola*. São Paulo, Editora Moraes, 1977.